

NOTA DA TRADUTORA

Mario Vargas Llosa é um escritor erudito, no sentido absoluto da palavra dicionarizada, que significa apenas alguém que adquiriu conhecimento através da leitura. Entretanto, a erudição vestiu uma roupagem pejorativa que tem sido usada ao sabor das circunstâncias e dos humores dos comensais desses melhores amigos de uma vida, os livros. Com os tempos e os costumes, erudito virou distante, arrogante, impenetrável, pedante, elitista, em contraponto com o uso ‘popular’ do idioma falado e escrito no dia-a-dia. Uma imperitência da pressa da modernidade, nada mais.

Traduzi o texto erudito de *A verdade das mentiras* em estado de graça e de temor reverencial. De graça, pela suprema beleza de seu texto. De temor reverencial, diante da cartografia infinita das palavras usadas pelo autor. Foram trilhas de palavras mágicas, trilhas pontuadas de surpresas e encantos, onde me detive vezes incontáveis, maravilhada, diante do universo mental de seu autor. Procurei respeitar *à la lettre* a escolha que fez das palavras que assinou embaixo pela razão mais simples de todas: ele poderia ter escrito o que escreveu se valendo de outras. Se as escolheu, certamente deve tê-lo feito por decisão pessoal e intelectual, e nem sequer considere a possibilidade de ‘simplificá-las’ para consumo, digamos, mais correio dos futuros leitores deste livro que é, sobretudo, uma declaração desarmada de amor pela literatura. Neste contexto, traduzir significou, segundo o Mestre Houaiss, “fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua fonte) para o equivalente

MARIO VARGAS LLOSA

em outra (língua alvo); assim, o original torna-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem". Então, senhoras e senhores, apertem o cinto para esse périplo lúdico de infinita riqueza pelo vernáculo pátrio, e amado – lasso, tremebundo, galimatias, transumante, garrulante, pulcro, translaticio, veladuras, alimárias, arrebicadas, anquilosada, ouropel, abrumadora, fastos, cariz, escolho, prófugos, trasfego, anelante... São todas equivalentes, todas palavras nossas também.

C.M.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

13

A VERDADE DAS MENTIRAS

15

O CORAÇÃO DAS TREVAS (1902)

JOSEPH CONRAD

AS RAÍZES DO HUMANO

31

MORTE EM VENEZA (1912)

THOMAS MANN

O CHAMADO DO ABISMO

45

DUBLINENSES (1914)

JAMES JOYCE

A DUBLIN DE JOYCE

53

MANHATTAN TRANSFER (1925)

JOHN DOS PASSOS

CAPITAL DO FORMIGUEIRO E DA DESTRUIÇÃO

63

MRS. DALLOWAY (1925)

VIRGINIA WOOLF

A VIDA INTENSA E Suntuosa

DO BANAL

73

O GRANDE GATSBY (1925)
FRANCIS SCOTT FITZGERALD
UM CASTELO NO AR
83

O LOBO DA ESTEPE (1927)
HERMANN HESSE
A METAMORFOSE DO LOBO DA ESTEPE
91

NADJA (1928)
ANDRÉ BRETON
NADJA COMO FICÇÃO
99

SANCTUARY (1931)
WILLIAM FAULKNER
O SANTUÁRIO DO MAL
109

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (1932)
ALDOUS HUXLEY
O PARAÍSO COMO PESADELO
119

A CONDIÇÃO HUMANA (1933)
ANDRÉ MALRAUX
O HERÓI, O BUFÃO E A HISTÓRIA
129

TRÓPICO DE CÂNCER (1934)
HENRY MILLER
O NILISTA FELIZ
141

SEVEN GOTHIC TALES (1934)
ISAK DINESEN
OS CONTOS DA BARONESA
151

AUTO-DE-FÉ (1936)
ELIAS CANETTI
UM PESADELO REALISTA
163

O ZERO E O INFINITO (1940)
ARTHUR KOESTLER
ALMAS INFLEXÍVEIS
171

O PODER E A GLÓRIA (1940)
GRAHAM GREENE
O DIREITO À ESPERANÇA
183

FIM DE CASO (1951)
GRAHAM GREENE
MILAGRES NO SÉCULO XX
191

O ESTRANGEIRO (1942)
ALBERT CAMUS
O ESTRANGEIRO DEVE MORRER
199

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS (1945)
GEORGE ORWELL
SOCIALISTA, LIBERTÁRIO E ANTICOMUNISTA
209

A ROMANA (1947)
ALBERTO MORAVIA
PROSTITUTA, FILÓSOFA E SENTIMENTAL
225

O REINO DESTE MUNDO (1949)
ALEJO CARPENTIER
O REAL MARAVILHOSO OU ARTIMANHAS LITERÁRIAS?
231

O VELHO E O MAR (1952)
ERNEST HEMINGWAY
A REDENÇÃO PELA CORAGEM
245

PARIS É UMA FESTA (1964)
ERNEST HEMINGWAY
A FESTA COMPARTILHADA
253

A LESTE DO PARAÍSO (1952)
JOHN STEINBECK
ELOGIO DO MAU ROMANCE
263

STILLER (1954)
MAX FRISCH
É POSSÍVEL SER SUÍÇO?
271

LOLITA (1955)
VLADIMIR NABOKOV
LOLITA FAZ TRINTA ANOS
279

O GATTOPARDO (1957)
GIUSEPPE TOMASI DE LAMPEDUSA
MENTIRA DE PRÍNCIPE
289

DOUTOR JIVAGO (1957)
BORIS PASTERNAK
UMA CHAMA NO VENTO
301

O TAMBOR (1959)
GÜNTER GRASS
O REDOBRE DO TAMBOR
311

HOUSE OF THE SLEEPING BEAUTIES (1961)

YASUNARI KAWABATA

VELANDO SEU SONHO, TRÊMULO

323

THE GOLDEN NOTEBOOK (1962)

DORIS LESSING

O CADERNO DOURADO DAS ILUSÕES PERDIDAS

333

UM DIA NA VIDA DE IVAN DENISOVICH (1962)

ALEKSANDR SOLZHENITSYN

REJEITADOS NO PARAÍSO

343

ANSICHTEN EINES CLOWNS (1963)

HEINRICH BÖLL

ACOMODAÇÕES COM O CÉU

351

HERZOG (1964)

SAUL BELLOW

O HUMANISTA DESBARATADO

361

AFIRMA PEREIRA (1994)

ANTONIO TABICCHI

HERÓI SEM QUALIDADES

369

A LITERATURA E A VIDA

377

ÍNDICE ONOMÁSTICO

397

ÍNDICE DE OBRAS

405



Prólogo

A primeira edição deste livro (1990) continha vinte e seis ensaios. Esta tem trinta e seis, e, além disso, os da edição original foram revisados e, alguns, corrigidos. Como epílogo, acrescentei um texto sobre a sempre discutida, mas nunca totalmente esclarecida, relação entre a literatura e a vida dos leitores.

São ensaios independentes, porém unidos por um denominador comum: todos eles analisam romances e contos surgidos no século XX. Ainda que, sem dúvida, faltem muitos autores e títulos imprescindíveis para se ter uma idéia cabal da narrativa escrita nesse século, creio poder assegurar que, na seleção arbitrária incluída neste livro — que não responde a outro critério senão às minhas preferências de leitor —, pode-se vislumbrar a variedade e a riqueza da criação romanesca no século que deixamos para trás, tanto pela abundância e originalidade dos assuntos, como pela sutileza das formas experimentadas. Ainda que seja verdade que o século XIX — o século de Tolstoi e Dostoievski, de Melville e Dickens, de Balzac e Flaubert — merece, com toda justiça, ter sido chamado de o século do romance, não é menos verdadeiro que o século XX também o foi, graças à ambição e à audácia de tantos escritores de línguas e de tradições distintas, capazes de emular aqueles que tanto haviam elevado os cumes do romance. O punhado de obras de ficção, matéria deste livro, prova que, apesar das profecias pessimistas sobre o futuro da literatura, os deicidas ainda vagueiam pela cidade, fabulando histórias para suprir as deficiências da História.